

O PENSAMENTO MÉDICO E A EDUCAÇÃO PHYSICA

Fernanda Paiva

PONTO DE PARTIDA

O objeto sobre o qual reflito neste texto foi construído pensando a educação física a partir das teorias da violência simbólica e da ação de Pierre Bourdieu, em diálogo com a historiografia da área.¹ Essa discussão permitiu considerar que o campo da educação física se engendra em torno da década de trinta do século XX. A afirmação é factível pelo acompanhamento das discussões científicas e educacionais que, desde o século XIX, debatem os saberes e os fazeres sobre e com o corpo. São discussões que podem ser objetivadas como um espaço social de disputas sobre as formas autorizadas de pensar e orientar “educações físicas”.

1 PAIVA, Fernanda. *Para falar em campo: notas sobre ciência, educação e corporeidades*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 1., 2000, Rio de Janeiro. CD-ROM... Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de História da Educação, 2000. Sem paginação.

No processo de construção de uma especificidade para a educação física, ficou evidente que uma das características do campo é que ele se vale das práticas e representações acadêmicas para conferir importância e legitimidade ao seu objeto de disputa. O sentido que se impõe como mais representativo entre todos aqueles de ordem educacional e pedagógica circulantes é o que articula o processo de escolarização de diferentes práticas corporais.² A hipótese de trabalho sobre a qual venho pensando é que a educação física pode aspirar a ser uma disciplina acadêmica, porque se tornou uma disciplina escolar. Sua escolarização fez crescer os clamores sociais sobre a necessidade de formação específica, o que não dispensou vasta discussão *científica* sobre as formas autorizadas de “educar o corpo”.

Em síntese, o campo da educação física está sendo tomado como o campo de conhecimento produzido para e pela pedagogização e escolarização de práticas corporais e é no estudo das práticas e representações que viabilizam as condições de possibilidade para o seu engendramento que se coloca como um dos alvos de minha atenção a produção do conhecimento médico.³

DEMARCANDO UMA DISTINÇÃO

Falar em condições de possibilidade e em engendramento de campo implica considerar um estado processual e de *tensionamentos*. Por isso é preciso atentar para proximidades e distanciamentos de significado entre *educação physica* e educação física.⁴ De fato, é possível vislumbrar que a educação física hodierna é, num certo sentido, “herdeira” de uma tal *educação physica* de que se falava lá no século XIX.

As noções de continuidade e ruptura mostraram-se profícuas para pensar a historicidade desse fenômeno e é sobre elas que mais à frente iremos falar.

2 Tanto no sentido da incorporação mediada pela escola de práticas externas a ela, como no da produção, na e pela escola, de novas atitudes corporais.

3 Outras fontes examinadas que refletem e também constroem sentidos circulantes são livros da área de educação, compêndios de ginástica e fontes legislativas. Neste texto não falarei sobre elas.

4 Essas formas ortográficas serão mantidas para marcar os diferentes sentidos atribuídos ao termo.

Entretanto, tendo em mente a idéia de que *educação physica* e educação física se relacionam, convém, desde logo, demarcar algumas de suas diferenças.

A primeira observação é que a expressão “educação física”⁵ se faz presente muito antes de podermos pensá-la como um campo. Um indicador dessa afirmação são as proposições contidas num ensaio de Herbert Spencer,⁶ sempre evocado como argumento de autoridade quando o assunto é “educação física”.⁷

Spencer ofereceu a pais e mestres um livro que os orientasse “na sua missão de guia de espiritos juvenis”, rompendo com o “marasmo ou atonia intellectual” instalado para predispor os homens do amanhã “para as grandes e complicadissimas luctas da vida”. Essas lutas diziam respeito à consolidação da república, do liberalismo e do capitalismo. Argüindo sobre qual seria o *saber* mais proveitoso a ser transmitido à mocidade para que se promovesse o progresso humano, Spencer argumenta que o critério de escolha deve ser o do valor prático em relação à vida. Fala da educação num sentido amplo, referindo-se, portanto, àquela que ocorre fora e dentro da escola. Nesses termos, menos preocupado com a instrução, Spencer vai defender que a finalidade da educação é “preparar-nos para a vida completa”, o que impõe distinguir e classificar “segundo a sua importancia, os principaes generos de actividades que constituem a vida humana”, para que se possa, então, pensar de maneira racional um sistema de educação (que não é, ainda, e necessariamente, um sistema de educação escolar).

Para ele, a educação viabiliza-se quando ensina a conservação do indivíduo e formas de prover o seu sustento, ilustra para educar a família, forma o bom cidadão e permite-lhe gozar, com civilidade, os prazeres da vida. Para essa viabilização concorrem três dimensões de um mesmo processo de educação, quais sejam, a intelectual, a moral e a física.

5 Para diferenciar sentidos para o mesmo termo, passo a grafar educação física para o sentido hodierno de disciplina escolar e acadêmica; *educação physica* para o sentido genérico de educação tal como lhe atribui Spencer; e “educação física” entre aspas para designar quando o termo é usado de forma indeterminada, ambígua ou confusa.

6 SPENCER, Herbert. *Da educação intellectual, moral e physica*. Lisboa: Empreza Litteraria Fluminense, 1886. A primeira edição inglesa data de 1861, entretanto os artigos que compõem o livro já tinham sido publicados em revistas inglesas, entre maio de 1854 e julho de 1859.

7 O que Spencer denomina de educação física não é o que posteriormente se configura como um campo.

A educação, em sua dimensão física, ou *educação physica*, é aquela que deve estar em primeiro lugar nas ações e preocupações dos que lidam diretamente com a educação (pais e professores), porque “nos ajuda a garantir incessantemente a nossa segurança pessoal” e suscita saúde vigorosa e energia moral. Segurança, saúde e energia são “os primeiros elementos da felicidade” de uma vida completa e são os conhecimentos do e sobre o corpo que asseguram direta e indiretamente a preservação/conservação/manutenção da vida, do indivíduo e de sua saúde. Os saberes que fundamentam e proporcionam esse conhecimento são a *physiologia* e a *hygiene*.

Quando fala da *educação physica*, Spencer questiona a negligência dos pais e dos professores nessa dimensão da educação. Disserta sobre os assuntos que lhe parecem fundamentais a esse respeito: a alimentação, no que tange à sua quantidade, qualidade e variedade; o vestuário, falando da inadequação das roupas em relação ao frio e da errônea idéia de que as crianças devem ser mantidas o mais inertes possível; o exercício corporal nos colégios, em que defende os brinquedos e a livre exercitação ao invés da ginástica sistematizada; e, por fim, alerta sobre os prejuízos de uma degenerescência física (que vai da baixa estatura às indisposições crônicas) ocasionada pelos excessos de estudo e disciplina que orientavam a educação escolar.

Estamos distantes, pois, de um entendimento ampliado de *educação physica* que ainda não se refere especificamente a uma disciplina (escolar) que trabalha alguns elementos da cultura corporal de movimento a partir de diferentes abordagens e metodologias de ensino. Estamos distantes também da noção de uma “área de conhecimento” relativamente autônoma que fundamente essa intervenção social. Por fim, longe também estamos de um entendimento restrito de atividade ou exercitação física metodizada. Em síntese, essas noções de disciplina escolar, disciplina acadêmica e atividade física representam bem o que chamamos hoje “educação física” e envolvem práticas distintas. Grosso modo, a questão que se coloca, então, é captar como uma *educação physica* se transforma em educação física; em termos mais pontuais, o que permanece e o que se “esvai” no tempo e conforma esse espaço social da educação física.

A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO MÉDICO EM E PARA A *EDUCAÇÃO PHYSICA*

Na discussão acerca do conhecimento produzido pelos médicos sobre/para a *educação physica*, as teses defendidas na FMRJ,⁸ no século XIX, foram minhas principais fontes.⁹ Antes de expor o que esses médicos pensavam sobre e para a *educação physica*, cabe atentar *como e por que* esses médicos a pensavam. Impõe-se uma breve reflexão sobre o significado das teses na produção de conhecimento no campo médico e seu projeto para a educação nacional.

Em se tratando da medicina no Brasil, o século XIX traz a marca de muitas ações que concorreram para configurar o campo médico. Dentre elas, pode ser destacada a produção da razão médica que tem como uma das formas de manifestação a formação acadêmica de *doutores*. As teses de fim de curso eram exigência para que os médicos obtivessem o título de doutor ao final de seu processo de graduação. Os procedimentos – escolha do(s) ponto(s), forma de escrita, tramitação e sustentação da tese – que envolviam a produção desse trabalho final variaram, sem alteração significativa, do ponto de vista

8 Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

9 Até o momento, foram analisadas as seguintes teses: UBATUBA, Manoel Pereira da Silva. *Algumas considerações sobre educação physica*. Nicteroy: Typographia Commercial de E. C. dos Santos, 1845. (Tese FMRJ);

MELLO, Joaquim Pedro de. *Acerca da educação physica dos meninos*. Rio de Janeiro: Typographia de Teixeira e Comp., 1846. (Tese FMRJ);

GOMES, Antonio Francisco. *Influencia da educação physica do homem*. Rio de Janeiro: Typographia de Paula Brito, 1852. (Tese FMRJ);

PORTUGAL, Antonio Nunes de Gouvêa. *Influencia da educação physica do homem*. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1853. (Tese FMRJ);

NAEGELI, Wilhelm. *A utilidade dos exercicios gymnasticos nos paizes tropicaes*. Rio de Janeiro: Typographia Perseverança, 1863. (Tese apresentada à FMRJ a fim de poder exercer a profissão no Imperio do Brazil/ Doutor em medicina pela Universidade de Zurich);

ARMONDE, Armando Ferreira das Neves. *Da educação physica, intellectual e moral da mocidade do Rio de Janeiro e de sua influencia sobre a saude*. Rio de Janeiro: Typographia do Apostolo, 1874. (Tese FMRJ);

MACHADO, João da Matta. *Educação physica, moral e intellectual da mocidade do Rio de Janeiro e de sua influencia sobre a saude*. Rio de Janeiro: Typographia de G. Leuzinger & Filhos, 1875. (Tese FMRJ);

BRITO, Severino de Sá. *Educação physica*. Rio de Janeiro: Imprensa Mont'Alverne-Ferreira & C., 1892. (Tese FMRJ);

MIRANDA, Rogério Corrêa de. *Da kinésiotherapia*. Rio de Janeiro: Luiz Macedo, 1892. (Tese FMRJ).

simbólico, nesse período. Eram, sobretudo, uma prática que visava à acumulação de capital cultural para o *doutorando*, mas, principalmente, para o campo médico.

Ainda que tivessem pouca circulação como produto para além do próprio campo, as teses participavam de um sistema institucional, institucionalizado e institucionalizante, cuja prática discursiva, longe de ser autoral-individual, se mostrava coletiva. Isso porque a análise das teses, entre outras práticas da FMRJ e também da AIM,¹⁰ possibilitava a identificação da presença de diferentes enunciados, ou de suas regras geradoras, num discurso particular. Esses enunciados eram tidos como válidos e, pela sua repetição, constituíram-se num sistema de referência que ratificava a autoridade da corporação médica,¹¹ ou seja, mesmo que pensada, produzida e consumida por médicos, elas colaboravam na construção de uma representação de respeitabilidade em diferentes sentidos e domínios, integrando um projeto de organização e legitimação científica e social de um tipo de saber que almejava poder. Poder político, social e científico que pretendeu intervir nos problemas sociais e educacionais da Corte.¹²

A) IDENTIFICANDO E DESCREVENDO A PAUTA DA DISCUSSÃO

Como vimos, *educação physica* no século XIX tinha um sentido distinto do de hoje. Mas será que os médicos se referiam às mesmas coisas que Spencer, ou também havia sentidos diferentes circulantes no século XIX? Tudo indica que sim.

Ainda que as teses cumpram um mesmo ritual e participem de um mesmo projeto, fala-se de muitas coisas quando o assunto é *educação physica*. No

10 Academia Imperial de Medicina.

11 Cf. GONDRA, José Gonçalves. *A arte de civilizar: medicina, higiene e educação escolar na corte imperial*. 2000. 475 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo. p. 80-90.

12 Sobre o projeto educacional elaborado pelos médicos para a educação no Brasil, consultar GONDRA, já citado, e também STEPHANOU, Maria. *Tratar e educar: discursos médicos nas primeiras décadas do século XX*. 1999. 475 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

conjunto de teses examinado, o repertório de temas pode ser distribuído em três grandes grupos e abrange:

1. Aquilo que é chamado pelos médicos de “*conducta anterior dos paes*”. Aqui encontramos temas como o cruzamento das raças, o mercado matrimonial, observações para contrair um casamento saudável do ponto de vista higiênico, cuidados com a gravidez (dizendo respeito à moda e uso de espartilhos, qualidade do ar respirado, prática do canto e dança, passeios ao ar livre e exercitação física, alimentação e consumo de bebidas, prática do sexo e sangrias, “sustos” e paixões).

2. *Cuidados com recém-nascidos e a 1.ª infância* (crianças até os 7 anos). A temática é aleitamento, desmame e alimentação geral (incluindo discussão de bebidas), higienização do recém-nato e da criança (corte do cordão umbilical, 1.º banho e asseio geral – banhos quente ou frio, unhas, cabelos, dentes), cuidados com a temperatura/clima, adequação de vestimentas, necessidade de movimentação e repouso e vacinas. Alerta-se sobre a gravidade de deformidades físicas serem corrigidas por parteiras e leigos. Discute-se, também, o desenvolvimento “físico e motor” e a adequação de movimentos e exercícios (nessa fase, recomendam-se brincadeiras, correrias e passeios).

3. *Trato da criança em idade escolar* (depois dos 7 anos). Continuam em pauta: asseio, vestimentas, alimentação e uso de bebidas, mudanças morfológicas e metabólicas. Como faz parte desse conjunto a discussão da educação sistematizada, agregam-se grandes temas, como a educação popular e a educação feminina; discute-se amplamente a educação em questões que vão desde a localização dos prédios escolares e sua insalubridade até “dicas” e/ou conselhos sobre como organizar os tempos e os saberes escolares. Os médicos opinam sobre castigos, explicam as paixões e a forma de contorná-las e combatê-las, abominam o onanismo e apresentam a ginástica para prevenção ou cura, conforme o caso. Aliás, a ginástica é tida como excelente formadora de hábitos na *educação physica* dos meninos, colaboradora na formação de hábitos higiênicos, não sendo ela a única forma de exercitação aconselhada nessa fase. Os médicos recorrem a uma gama de práticas corporais, tais como a esgrima, a natação, a dança, o pugilato, a equitação, passeios ao ar livre para esse fim. Canto e declamação também são lembrados. Mas, sempre que querem demonstrar a eficiência física e moral da *educação physica*, recorrem à exercitação metódica e sistematizada, isto é, à ginástica. Dela é que conhecem os efeitos fisiológicos, nela é que reconhecem efeitos disciplinares (moralizantes).

Duas teses¹³ do conjunto analisado abordam a ginástica a partir de seus benefícios fisiológicos sem se ater à questão da infância, discutindo a importância e adequação dessa prática na ativação de diferentes sistemas funcionais do metabolismo humano.

Pude também identificar que os médicos sustentam, ao longo dos anos, algumas opiniões/argumentos comuns:

- Consideram ser preciso pensar a educação tendo como horizonte a construção da nação.

- Reconhem a *educação physica* como a primeira educação, antecedendo, portanto, a educação moral e a educação intelectual. Julgam que o intelecto não deve ser cultuado prematuramente.

- Avaliam que o exercício físico, se bem orientado, traz benefícios ao trabalho intelectual, que a ginástica é uma prática criadora de bons hábitos e de boa moral bem como um excelente meio profilático e terapêutico para enfrentar o onanismo.

- Defendem a “liberdade de movimentos” na primeira infância e consideram a escola um momento de privação dessa liberdade.

- Consideram a vida no campo mais saudável, ao passo que a vida no espaço urbano (do Rio de Janeiro) propícia à degeneração física, sendo necessário, portanto, criar espaços adequados (colégios, salões, passeio público, etc.) para o desenvolvimento da *educação physica* no Brasil. Não poupam apelos às autoridades nesse sentido.

- Buscando romper a resistência dos pais com relação à prática de exercícios físicos pelos filhos, constroem uma lógica na qual passa ser corrente a idéia de que a educação faz bem à saúde (por isso ela deve ser estendida a todos); que

13 As de Naegeli e de Miranda. A de Naegeli é uma tese atípica. Para revalidação de seu diploma de médico expedido pela Universidade de Zurich, o Dr. Naegeli versa sobre *a utilidade dos exercícios gymnasticos nos países tropicaes*. Ao que parece, esse não era um dos temas oferecidos para dissertação aos doutorandos da FMRJ. Já a tese de Miranda tem a *Kinesitherapia* como ponto proposto pela cadeira de *Materia medica e therapeutica* – todas as outras teses parecem ser pontos da cadeira de *Hygiene*. Isso muda um pouco a sua abordagem do tema ginástica, feita aqui a partir das possibilidades de cura oferecidas pela aplicação sistematizada de determinados movimentos (ginásticos). Entretanto, o Dr. Miranda também reconhece que, “Nas nossas escolas, infelizmente, [a educação physica como produtora de efeitos persistentes durante toda a vida] não [vem] passando de uma promessa, [em que] perdemos em pouco tempo os benefícios reaes que as estrepolias nos conferiram por entre as chiméras da meninice endiabrada” (p. 57).

a robustez é condição mas, também, consequência da prática de atividade física regular e orientada; que a *educação physica*, principalmente via ginástica, pode ser um meio higiênico eficaz na mudança de temperamentos.

Entretanto, os médicos atravessaram o século XIX denunciando que a *educação physica* no Brasil inexistia (salvo raríssimas exceções) e, para mostrar que ela já teve outro peso em outras civilizações, valem-se de esboços históricos sobre a sua importância e “aplicação” da Grécia Antiga à França daqueles anos.

Mas, se é possível agrupar o pensamento médico no que esses trabalhos têm de igual, é também possível neles perceber os caminhos singulares em que se vão produzindo práticas e representações que viabilizam condições de possibilidade para produção de uma especificidade que favorece o engendramento de um outro campo específico: o da educação física.

B) PRODUZINDO E DISCUTINDO DIFERENÇAS: UMA ANÁLISE PRELIMINAR

No espaço desta apresentação, chamarei a atenção para três pontos interligados na discussão curricular da formação médica: um aponta desdobramentos do enfoque da disciplina de *Hygiene*; outro evidencia a produção de diferentes especificidades no próprio campo médico; um terceiro enceta uma reflexão (ainda não totalmente amadurecida) no reordenamento da tensão entre o social e o biológico, produzindo terreno fecundo para a introdução das teorias eugenistas no Brasil.

No que tange ao desdobramento do enfoque da disciplina de *Hygiene*, é possível dizer que três concepções diferentes de *educação physica* perpassam a série de teses analisadas. As quatro teses escritas em meados do século XIX (45, 46, 52 e 53)¹⁴ são variações de um mesmo ponto proposto pela disciplina

14 A disciplina de *Hygiene e Historia da medicina* está, nesse momento, sob a responsabilidade do Prof. Dr. Thomaz Gomes dos Santos. É uma disciplina do 6.º e último ano, cursada junto com *Medicina legal*, ministrada pelo Dr. José Martins da Cruz Jobim, e com *Clinica interna e Anatomia e pathologia*, ministradas durante os 5.º e 6.º anos pelo Dr. Manuel de Valadão Pimentel. O Dr. Thomaz Gomes dos Santos é figura importante na Corte. Foi Deputado na Assembléia Geral e Provincial do Rio de Janeiro e primeiro vice-presidente do Rio de Janeiro. Além disso, são suas credenciais ser membro efetivo da Academia Imperial de Medicina, membro efetivo do Instituto Histórico-Geográfico Brasileiro, médico de Sua Majestade, o Imperador, e cavalheiro da Ordem de Christo.

de *Hygiene*, que propicia a dissertação de considerações gerais sobre a *educação physica* e sua influência no homem. Nesse momento, são privilegiadas as discussões do trato com o recém-nascido e cuidados dos pais (casamento e gravidez), dedicando-se poucas linhas à discussão da *educação physica* na idade escolar. Essa discussão já está presente, ainda que permeada pela discussão de aspectos morais e intelectuais, mas não é a principal discussão. Nela, a indicação da ginástica como uma das atividades relevantes na formação física e moral dos meninos já aparece colocada.

Nas teses da década de 1870 (ambas do ano de 1874), o ponto em questão envolve a discussão da educação nas suas três dimensões e sua influência sobre a saúde da mocidade do Rio de Janeiro.¹⁵ A tônica é a educação escolar e abrange principalmente tempos e espaços escolares.¹⁶ As duas teses são aprovadas com louvor. Abordam o mesmo ponto, embora se estruturam de forma diversa. Nas duas, uma abordagem declaradamente mais politizada – o que não acontece nas outras teses. Ao que tudo indica, os compêndios de higiene de Levy, de Becquerel e/ou Fleury parecem ser a referência para discussão e, nesse sentido, a tese do Dr. Machado é exemplar, ao discuti-la nos mesmos termos de Becquerel (organização do conhecimento em objeto e matéria da *hygiene*, versando sobre *circumfusa, applicata, ingesta, gesta, excreta e percepta*). Aqui, pensar em *educação physica* é também pensar num modelo escolar, embora cuidados gerais com a criança em idade não escolar não sejam esquecidos.

Cabe aqui uma anotação que parece dar um quê de originalidade aos médicos brasileiros: os compêndios de *hygiene* que lhes servem de base ainda não estão a pensar a higiene escolar especificamente. Falam de aspectos gerais e, ao serem tratados na *circumfusa, applicata, ingesta, gesta, excreta e percepta*, servem, num primeiro momento, para pensar qualquer coisa: higiene pública, dos navios, dos quartéis, dos hospitais, da igreja, da escola... Parece haver um esforço, principalmente do Dr. Machado, de ressignificar/enquadrar essa

15 O ponto é da educação physica, moral e intellectual da mocidade do Rio de Janeiro e sua influencia sobre a saude

16 Nesse momento, a disciplina de *Hygiene e Historia da medicina* é de responsabilidade do Prof. Dr. Antonio Correa de Sousa da Costa. Permanece como disciplina do 6.º e último ano, ao lado de *Medicina legal* (ministrada pelo Barão de Teresópolis), *Pharmacia* (ministrada pelo Dr. Ezequiel Corrêa dos Santos) e *Clinica interna* (disciplina de 5.º e 6.º ano, ministrada pelo Dr. João Vicente Torres Homem).

discussão em termos específicos para a *educação physica*. Os compêndios de higiene defendem a prática de atividade física nas escolas e fora delas? Sim, mas chamam isso de exercitação e não de *educação physica*...

Na década de 1890,¹⁷ falar tanto de *Educação Physica* (ponto proposto pela cadeira de *Hygiene e mesologia*) como de *Kinesitherapia* (ponto proposto pela cadeira de *Materia medica e therapeutica*) é falar de ginástica – não necessariamente escolar. A discussão já ocorre em torno de sistemas ginásticos, sendo disseminada a ginástica racional de Ling. A ginástica é apropriada pela medicina “facultando-lhe [à medicina] mais um campo de exploração vantajosa”.¹⁸ A característica comum que mais chama a atenção nessas teses é a sustentação da importância da *educação physica*/ginástica a partir de argumentos de ordem fisiológica – o ganho moral é um ganho “extra”.

Ao se delinarem essas três concepções, já no século XIX, esboça-se um quadro que se configura com continuidades e inflexões. A tônica recai no fato de que falar em *educação physica* sempre implicou falar em exercitação física, ainda que com diferentes olhares e densidade. Os tratos com o recém-nascido e a questão do aleitamento, os cuidados na gravidez e na escolha dos pares matrimoniais parecem ter sido temáticas que ganharam vida própria em disciplinas como *Partos, moléstias de mulheres pejudadas e paridas e de crianças recém-nascidas* e, mais à frente, na puericultura e obstetrícia. A questão do cruzamento das raças é retomada de forma violentíssima com a discussão da Eugenia, que se pretendeu uma ciência do aperfeiçoamento racial e cujo estudo e defesa não foi privilégio dos médicos.

PALAVRAS FINAIS

Ao olhar para o século XIX, é possível reconhecer sentidos diversos quando falamos em “educação física”. Percebe-se que, ainda que herdeira, é preciso

17 Os conhecimentos de higiene passaram a integrar a disciplina denominada *Hygiene e mesologia*. Pelas fontes acessadas, ainda não consegui identificar em que ano da formação acadêmica ela se situa. O que é possível observar é que o currículo de formação médica passa, nesses cinquenta anos, por um processo de especialização. Passa-se de treze disciplinas no ano de 1845 para vinte e nove em 1892.

18 MIRANDA, op. cit., p. 43.

lançar olhos para suas nuances e diferenças deliberadas. Se tomarmos Spencer como um marco definidor de sentidos, veremos que a produção do conhecimento médico no Brasil se reserva aproximações e distanciamentos. Aproxima-se porque não deixa de recorrer aos seus quatro principais assuntos (alimentação, vestuário, exercitação corporal e degenerescência física), mas se distancia principalmente quando é tomada como autoridade acadêmica para fundamentar a prática da *educação physical* ginástica em sentido restrito (como no caso das teses da década de 1890). O projeto educacional liberal se matiza com as tintas eugênicas da robustez para o aperfeiçoamento do “povo brasileiro”.

Spencer e os médicos brasileiros partilham a idéia de que os saberes que fundamentam e proporcionam essa dimensão da educação são encontrados na fisiologia e na higiene, mas articulam seus discursos de forma muito diferente... A hipótese de trabalho construída sinaliza o desdobramento dessas diferenças como articuladoras do campo, a partir da tensão percebida em torno da escolarização e disciplinarização dessa *educação physica*. Permanece o desafio de argumentar a seu favor, mas isso já é motivo para uma outra conversa...